

(DES)IGUALDADE DE GÊNERO NA CARREIRA ACADÊMICA: O IMPACTO DA MATERNIDADE

GENDER (IN)EQUALITY IN THE ACADEMIC CAREER: THE IMPACT OF MOTHERHOOD

(DES)IGUALDAD DE GÉNERO EN LA CARRERA ACADÉMICA: EL IMPACTO DE LA MATERNIDAD

LETÍCIA LOVATO DELLAZZANA-ZANON

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Permanente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) – Campinas – SP.

leticiadellazzana@gmail.com

ÂNGELA LOVATO DELLAZZANA

Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Rio Grande do Sul – RS.

lovato.angela@gmail.com

MARCELA PEREIRA DE SOUSA

Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS) – Campinas – SP.

marcela.ps1@puccampinas.edu.br

LIDIANE DOS SANTOS SOUZA

Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS) – Campinas – SP.

lidiane.ss@puccampinas.edu.br

Recebido em: 29/04/2022

Aceito em: 08/12/2022

Publicado em: 13/09/2023

Resumo

A maternidade acadêmica refere-se aos desafios enfrentados por mulheres que se tornam mães durante o período em que estão galgando a carreira acadêmica. Este estudo teve como objetivo sistematizar informações sobre maternidade acadêmica em diferentes etapas da carreira considerando o contexto pandêmico. Por meio de uma revisão narrativa, foram sistematizados resultados de pesquisas realizadas no período de 2016 a 2021, em diferentes países, organizadas em cinco temáticas: estereótipos de gênero na carreira acadêmica, escolhas maternas na carreira acadêmica, impactos da gestação e da maternidade na academia, maternidade acadêmica no contexto pandêmico e redes de apoio. Os resultados indicaram que há uma predominância de estudos internacionais sobre a temática. Neste contexto, as políticas

públicas implementadas para as pesquisadoras mães não foram suficientes para ampará-las. Elas foram assoladas pela cobrança em relação à produtividade, à dedicação à academia e às tarefas de cuidado dos filhos, principalmente, quando bebês. A ausência total de rede de apoio imposta pela pandemia da Covid-19 trouxe à tona os desafios a que são submetidas as pesquisadoras que se tornam mães, o que, por sua vez, indica a urgência da implementação de políticas públicas que apoiem essas pesquisadoras.

Palavras-chave: Maternidade acadêmica. Gênero. Pandemia.

Abstract

Academic motherhood refers to the challenges faced by women who become mothers during the period when they are moving up the academic career. This study aimed to systematize information on academic motherhood at different stages of the career considering the pandemic context. Through a narrative review, results of research carried out from 2016 to 2021, in different countries, organized into five themes: gender stereotypes in the academic career, maternal choices in the academic career, impacts of pregnancy and motherhood in academia, academic motherhood in the pandemic context, and support networks. The results indicated that there is a predominance of international studies on the subject. In this context, the public policies implemented for the mother researchers did not seem to be sufficient to support them. They are plagued by demands regarding productivity, dedication to the academy and child care tasks, especially babies. The total absence of a support network imposed by the Covid-19 pandemic brought to light the challenges that researchers who become mothers are subjected to, which, in turn, indicates the urgency of implementing public policies that support these researchers.

Keywords: Academic motherhood. Gender. Pandemic.

Resumen

La maternidad académica se refiere a los desafíos que enfrentan las mujeres que se convierten en madres durante el período en que avanzan en la carrera académica. Este estudio tuvo como objetivo sistematizar información sobre la maternidad académica en diferentes etapas de la carrera considerando el contexto de pandemia. A través de una revisión narrativa, se sistematizaron resultados de investigaciones realizadas entre 2016 y 2021, en diferentes países, organizados en cinco temas: estereotipos de género en la carrera académica, elecciones maternas en la carrera académica, impactos del embarazo y la maternidad en la academia, maternidad académica en el contexto de la pandemia y redes de apoyo. Los resultados indicaron que existe un predominio de estudios internacionales sobre el tema. En este contexto, las políticas públicas implementadas para las madres investigadoras no parecieron ser suficientes para apoyarlas. Les atormentan las exigencias en cuanto a productividad, dedicación a la academia y tareas de cuidado de los niños, especialmente cuando son bebés. La ausencia total de una red de apoyo impuesta por la pandemia del Covid-19 puso de manifiesto los desafíos a los que se ven sometidas las investigadoras que se convierten en madres, lo que, a su vez, indica la urgencia de implementar políticas públicas que apoyen a estas investigadoras.

Palabras clave: Maternidad académica. Género. Pandemia.

1 Introdução

O papel crucial da mulher na construção da ciência é celebrado como uma conquista recente, fruto da sociedade contemporânea e dos diversos avanços no campo dos direitos humanos. Contudo, a pujante representação feminina na comunidade acadêmica ainda exclui

uma grande parcela de mulheres que, por falta de políticas públicas adequadas, não consegue contribuir com todo o seu potencial. Estamos nos referindo às pesquisadoras que se tornam mães e que, ao retornarem da licença-maternidade, deparam-se com o despreparo das instituições de pesquisa em lidar com a realidade de uma recém-mãe. Este é só o início de um processo bastante frustrante para essas mulheres que, não raro, desistem na carreira acadêmica e abandonam projetos de pesquisa que poderiam contribuir grandemente para a ciência, a tecnologia e a inovação.

Durante muito tempo, os desafios de seguir a carreira acadêmica e se tornar mãe foram mantidos à margem, como se as dificuldades inerentes ao desempenho desses dois papéis fossem uma preocupação apenas de quem as estava vivendo (WARD; WOLF-WENDEL, 2004). Hoje, discutir o impacto da maternidade na carreira acadêmica é foco de debates ao redor do mundo e, também, no Brasil (MACHADO *et al.*, 2019). Entretanto, apesar desse tema ser legítimo nas universidades, o caminho que pesquisadoras que se tornam mães enfrentam para se manterem na academia ainda é enorme (CARPES *et al.*, 2022). Considerando-se a importância de incentivar o debate e promover ações de apoio a pesquisadoras que se tornam mães, esta pesquisa visa dar visibilidade a este assunto por meio de um estudo teórico sobre a maternidade na academia.

As mulheres continuam a ter mais responsabilidades com relação às tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos do que os homens – apesar dos avanços de movimentos feministas e das conquistas em relação à igualdade de gênero –, o que pode fazer com que se sintam culpadas por não atingirem as expectativas de seus múltiplos papéis (MATTSSON, 2014; LOPES; DELLAZZANA-ZANON; BOECKEL, 2014). Quando o contexto é a academia, as mulheres enfrentam ainda mais desafios na tentativa de conciliar os padrões de “boa mãe” e “acadêmica ideal” (RADDON, 2010).

A maternidade acadêmica, foco deste estudo, refere-se aos desafios enfrentados por mulheres que se tornam mães durante o período em que estão galgando a carreira acadêmica. Contribuir com discussões sobre essa temática e possibilitar a reflexão sobre a maternidade acadêmica na contemporaneidade é urgente por dois motivos. Primeiro, para garantir que as mulheres que estão vivenciando a maternidade junto com a trajetória acadêmica tenham condições institucionais de seguir e avançar na carreira, de forma mais igualitária em relação aos homens ou mulheres sem filhos. Segundo, para que futuras pesquisadoras que considerem ser mãe durante este processo encontrem na academia um espaço menos hostil, mais igualitário,

mais aberto, mais acolhedor e ciente dos impactos da maternidade para as pesquisadoras, respeitando a decisão daquelas que o querem para que, em iguais condições com as que não querem ter filhos, possam avançar na carreira acadêmica.

O impacto da maternidade na carreira das mulheres vem sendo estudado há alguns anos no contexto internacional (SORCINELLI; NEAR, 1989; VARNER, 2000; WOLF-WENDEL; WARD; TWOMBLY, 2007). Evidências indicam que, embora tenham ocorrido alguns avanços, ainda são muitos os desafios para as mulheres que conciliam o cuidado dos filhos com a carreira acadêmica. De acordo com Ward e Wolf-Wendel (2016), as mulheres acadêmicas podem se encontrar em uma encruzilhada, ou seja, uma interseção entre normas de trabalho ideais, que assumem um foco completo no trabalho; normas maternais intensivas, que pressupõem dedicação total à família; e normas sociais que concedem acesso sem precedentes às mulheres no local de trabalho, limitando o que elas podem alcançar se quiserem ser profissionais e mães.

Estudos realizados há mais de vinte anos mostravam que professoras universitárias eram menos propensas a ter filhos do que mulheres em outras profissões (COONEY; UHLENBERG, 1989). Entretanto, a realidade não é mais esta. Embora muitas professoras universitárias ainda optem por não ter filhos, o número crescente de mulheres ingressando na carreira acadêmica – muitas das quais em idade fértil – dita a necessidade de compreender as dinâmicas pessoais e institucionais que afetam a forma como as mulheres que optam por ter filhos lidam com as demandas conflitantes de cuidar de crianças pequenas e manter uma carreira acadêmica produtiva (WOLF-WENDEL; WARD; TWOMBLY, 2007). Nesse sentido, embora as mulheres ocupem mais lugares na academia atualmente do que em qualquer outro momento histórico, esse acesso não se converteu em equidade (WARD; WOLF-WENDEL, 2016).

No Brasil, estas questões vêm sendo foco de debates de forma mais estruturada desde que o movimento *Parent in Science* iniciou suas ações em 2015. Idealizado por pesquisadoras mães da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o *Parent in Science* tem conduzido uma série de pesquisas e ações sobre maternidade – e paternidade – na academia. Uma das principais conquistas do *Parent in Science* foi a inclusão de um campo para inserir os dados referentes à maternidade no currículo Lattes (BRASIL, 2021), que passou a vigorar no dia 15 de abril de 2021. Pode parecer pouco, mas ter um campo específico para indicar os períodos de maternidade no currículo Lattes é uma forma de dar visibilidade à maternidade e de explicar possíveis “lacunas” de produção na carreira acadêmica.

Como meio para difundir o debate e as pesquisas sobre o tema, o *Parent in Science* organizou o I Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência¹, que ocorreu em 2018. Este evento oportunizou que pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento e de níveis de formação compartilhassem e escutassem sobre suas vivências. O sentimento gerado foi de “não estou sozinha”, o que estimulou a sororidade – sentimento de solidariedade e empatia entre as mulheres – e a vontade de contribuir com a causa. De 2018 para cá, mais dois simpósios foram realizados, tendo o de 2021 ocorrido de forma *on-line*. Esses simpósios têm garantido espaço para que pesquisadoras que são também mães discutam sobre as realidades, problemas, desafios e avanços da vivência da maternidade nos mais diferentes cenários. Mais do que isso, esses simpósios têm garantido um espaço para que as vozes de pesquisadoras mães, geralmente, silenciadas, sejam ouvidas.

No que tange o cenário mundial durante a pandemia da Covid-19, constatou-se que o isolamento social agravou os desafios de pesquisadoras mães. A necessidade de realizar todo o tipo de atividade dentro do contexto domiciliar alterou a dinâmica familiar, principalmente, nas famílias em que há filhos pequenos (DELLAZZANA-ZANON *et al.*, 2020). Sobre esse impacto, evidências indicam que: (a) as acadêmicas com filhos tiveram uma redução desproporcional no tempo dedicado à pesquisa em relação aos homens e mulheres sem filhos e (b) tanto homens quanto mulheres aumentaram as horas de cuidados das crianças e do trabalho doméstico, mas as mulheres experimentaram aumentos significativamente maiores do que os homens (DERYUGINA; SHURCHKOV; STEARNS, 2021). O fechamento das escolas e ausência da rede de apoio – antes composta por familiares, funcionárias domésticas e babás – fez com que as mulheres pesquisadoras precisassem dedicar mais tempo para a educação de seus filhos em casa e para a realização de tarefas domésticas em detrimento da produção de artigos científicos (STANISCUASKI *et al.*, 2020). Considerando-se que: (a) as mulheres continuam assumindo mais as tarefas de cuidado dos filhos e domésticas do que os homens, (b) a maternidade impacta na carreira acadêmica e (c) que a pandemia acentuou ainda mais as dificuldades enfrentadas por pesquisadoras mães, este estudo teve como objetivo sistematizar informações sobre maternidade acadêmica, em diferentes etapas da carreira, considerando o contexto pandêmico.

¹ A primeira e a segunda autora deste estudo participaram de todas as edições do Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência até 2021.

2 Método

A estratégia metodológica utilizada foi a revisão narrativa, cujo objetivo é possibilitar a aquisição e atualização do conhecimento sobre um tema específico em um curto período (ROTHER, 2007) e gerar conhecimento sobre temas ainda não investigados (FERRARI, 2015). A busca foi realizada no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da CAPES por meio dos descritores *academic motherhood* para os estudos internacionais, e “maternidade acadêmica” para os estudos nacionais. A busca foi conduzida durante a segunda quinzena de julho de 2021. Definiu-se como período de busca os artigos publicados entre 2016 e 2021, para que fosse possível acessar artigos sobre a temática publicados antes e durante a pandemia da Covid-19. Incluíram-se no estudo artigos cujo foco fosse a maternidade acadêmica de estudantes de pós-graduação e de docentes pesquisadoras.

3 Resultados

A amostra foi composta por nove artigos internacionais e 1 artigo nacional. Todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra, sendo dois com foco em estudantes de pós-graduação, quatro com foco em docentes pesquisadoras e quatro com foco em ambas. Os resultados foram organizados em cinco temáticas: estereótipos de gênero na carreira acadêmica, escolhas maternas na carreira acadêmica, impactos da gestação e da maternidade na academia, maternidade acadêmica no contexto pandêmico e redes de apoio.

3.1 Estereótipos de gênero na carreira acadêmica

Martins e Marinho (2020) investigaram a persistência das desigualdades no campo científico a partir do fator gênero e sua intensificação com a vivência da maternidade, com dados coletados dos *sites* do CNPq e do *Parent in Science*. Os resultados desse estudo mostraram que as mulheres tendem a ocupar funções vistas como extensão do lar, enfrentam uma ausência de confiança quanto à ocupação de cargos de liderança em universidades e, mesmo quando são mais qualificadas do que os homens, ainda atuam em menor proporção em cargos de tomada de decisão. Essa investigação mostrou ainda que as mulheres são menos lembradas e mencionadas, mesmo quando responsáveis por grandes descobertas científicas (MARTINS; MARINHO, 2020).

Um estudo que investigou o impacto das estruturas de gênero nas carreiras femininas na academia norueguesa, do qual participaram 24 pesquisadoras da Universidade de Oslo,

mostrou que a organização universitária é gananciosa e tem falhas que expõem preconceitos relacionados ao gênero e ao *status* parental, em especial de mães (THUN, 2019). Resultados desse estudo mostraram que as participantes têm sentimentos ambivalentes, pois apesar de relatarem ter consciência das desigualdades de gênero existentes em seus contextos de trabalho, elas têm receio de terem sua competência questionada pelo que seus companheiros de trabalho do sexo masculino consideram como “privilégios femininos”. Em relação à carga de atividades entre pesquisadores homens que são pais e pesquisadoras mulheres que são mães, os resultados indicaram que os do sexo masculino têm maior apoio de suas parceiras nos cuidados domésticos e dos filhos, enquanto a maior parte das participantes pesquisadoras compartilham essas tarefas e não contam com a ajuda majoritária de seus companheiros (THUN, 2019).

Os resultados de um estudo sobre as barreiras relatadas por mulheres mães de filhos menores de 18 anos que são pesquisadoras e docentes canadenses indicaram que as mulheres/pesquisadoras gastam 10 horas a mais por semana do que os homens com tarefas domésticas e de cuidado dos filhos, mesmo que elas tenham menos filhos do que eles (MCCUTCHEON; MORRISON, 2016). Esse dado ajuda a explicar a relação entre queda de produtividade e maternidade.

De acordo com Martins e Marinho (2020), a demanda de produtividade científica junto às responsabilidades maternas corrobora a desigualdade de produção entre mulheres e homens na academia. Para os homens que se tornam pais, há um aumento em sua produtividade ao longo da carreira. Já as pesquisadoras mães, em contrapartida, diminuem seu número de publicações (MARTINS; MARINHO, 2020). Não por acaso, a acentuada desigualdade entre gêneros na produção científica se intensifica no período considerado decisivo para as mulheres que escolhem tornar-se mães devido ao relógio biológico – entre a faixa de 37 a 41 anos de idade –o que ressalta a queda de produtividade feminina e a permanência masculina na academia (MARTINS; MARINHO, 2020).

Esses resultados chamam atenção para a necessidade de se questionar o discurso meritocrático do mundo acadêmico, segundo o qual o esforço pessoal determina quais serão as conquistas de cada um, ponderando apenas o desempenho individual, dispersando as diferenças de gênero. Desconsiderar tais questões pode reforçar desigualdades, uma vez que os critérios que determinam a excelência de um pesquisador são pautados na rotina de um homem acadêmico sem filhos (THUN, 2019).

3.2 Escolhas maternas na carreira acadêmica

Mirick e Wladkowski (2018) investigaram as experiências de 28 estudantes que engravidaram durante a pós-graduação. Os resultados dessa pesquisa indicaram que metade das participantes recebeu um retorno negativo do seu programa, da banca ou do orientador quando revelaram que estavam grávidas, outras tiveram demandas de trabalho negadas após o nascimento da criança por serem vistas como incapazes de desempenhar determinadas funções. Uma das participantes informou que após o nascimento da primeira filha tentaram acabar com o seu financiamento devido à sua baixa produtividade.

Um estudo longitudinal a respeito das escolhas que as mulheres mães fazem sobre suas carreiras acadêmicas contou com 118 mulheres pesquisadoras com filhos menores de cinco anos na primeira fase da pesquisa e 88 mulheres na segunda fase (WARD; WOLF-WENDEL, 2017). Os resultados desse estudo indicaram que as participantes gastaram muito tempo estipulando o momento adequado de engravidar durante o ano letivo e que a maioria planejou a gravidez para as férias de verão. Outro tema de escolha para mulheres no contexto acadêmico refere-se à decisão sobre a quantidade de filhos considerados conveniente pelas universidades. Muitas participantes da pesquisa de Ward e Wolf-Wendel (2017) informaram sentirem-se seguras tendo um ou dois filhos, uma vez que mais do que isso aumentaria o julgamento das demais pessoas acerca do seu compromisso com o trabalho.

A pesquisa realizada por Ollilainen (2019) investigou como 64 mães pesquisadoras dos Estados Unidos e da Finlândia vivenciaram a maternidade, administrando o momento de engravidar com a carreira, de acordo com as políticas que regem a licença maternidade e o âmbito profissional disponível em suas universidades. Os resultados indicaram que as participantes de ambos os países consideraram fatores como o estágio da carreira em que se encontravam, e as políticas de trabalho e família – aquelas que envolvem licença maternidade – para decidir sobre ter filhos concomitantemente ao desenvolvimento de suas carreiras acadêmicas. Entretanto, os resultados desse estudo revelaram que mesmo quando há políticas de licença maternidade que encorajam a gravidez durante a atividade acadêmica nos Estados Unidos, o relógio biológico é uma fonte de preocupação. Quando a possibilidade de um aborto espontâneo ou de infertilidade se tornam maiores por conta da idade avançada das mulheres, políticas públicas favoráveis não são o incentivo principal à maternidade.

Os resultados dos estudos apresentados na temática escolhas maternas na carreira acadêmica indicam que a maternidade é uma realidade que fica em segundo plano nas escolhas destas mulheres, e é planejada de maneira que possa ser moldada pelas imposições da carreira acadêmica. Decisões sobre quando engravidar e quantos filhos ter são tomadas em função do impacto que terão na vida acadêmica, o que pode ser bastante frustrante quando se decide em função de uma carreira que, a longo prazo, pode não se consolidar. O arrependimento por colocar a carreira em primeiro lugar pode ser uma realidade para muitas mulheres que viram seu relógio biológico acender a luz vermelha para a maternidade.

3.3 Impactos da gestação e da maternidade na academia

Um dos impactos que a maternidade pode causar na vida de mulheres em contexto acadêmico é o silêncio em relação à maternidade. No estudo de Mirick e Wladkowski (2018), mais da metade das doutorandas relataram ter recebido mensagens negativas sobre expectativas quanto à maternidade, e mais de um terço delas revelou que uma das expectativas dizia respeito ao silenciamento em relação à gestação, aos filhos e à dificuldade de manter as responsabilidades acadêmicas e maternas. Para essas doutorandas, o silêncio quanto às vivências referentes à maternidade serviu como fator de proteção no sentido de não sofrerem mais as consequências de terem mencionado essas vivências anteriormente e de terem sido consideradas descomprometidas com o seu trabalho acadêmico ou não serem vistas como estudantes sérias.

O estudo de Mirick e Wladkowski (2018) revelou outros três impactos da maternidade no contexto acadêmico: perda de oportunidades, pressão por produtividade e sentimento de deslocamento em função do distanciamento de alguns colegas da pós-graduação. Quanto à perda de oportunidades, 13 doutorandas relataram que perderam oportunidades durante a pós-graduação e/ou mercado de trabalho devido à gestação, e 11 disseram ter perdido oportunidades em razão da necessidade de equilibrar as responsabilidades familiares e as demandas acadêmicas. Em relação ao segundo aspecto, um terço das participantes informou que, embora inicialmente o corpo docente tenha expressado apoio às suas gestações, elas escutaram de seus professores que a maternidade não poderia interferir em sua produtividade.

Outro impacto da maternidade no contexto acadêmico refere-se à licença maternidade. Os resultados do estudo de Ollilainen (2019) mostraram que a escolha de mães pesquisadoras, inclusive no doutorado, de trabalhar durante a licença maternidade foi influenciada fortemente

pela preocupação de serem tratadas com seriedade e de permanecerem empregadas. Nesse sentido, as participantes do estudo de Ward e Wolf-Wendel (2017) não viam a carreira acadêmica como boa opção para as pesquisadoras que desejam conciliar pesquisa científica e maternidade devido à pressão por produtividade que a academia impõe. Esse resultado foi mais expressivo para pós-graduandas da geração *millennials*² para quem as universidades são consideradas inóspitas para o alcance desse equilíbrio. Nesse mesmo sentido, uma pesquisa com o objetivo de analisar como 30 candidatas ao doutorado gerenciavam suas incertezas em torno da identidade materna discutiu a priorização do sucesso profissional em detrimento da vida pessoal (ABETZ, 2019). Os resultados desse estudo indicaram que, mesmo mulheres que não eram mães se sentiam intimidadas ao abordarem temáticas envolvendo ter filhos no ambiente acadêmico, por medo de não serem consideradas engajadas com o trabalho.

Os resultados apresentados na temática impactos da gestação e da maternidade na academia indicam que é paradoxal perceber que muitas mulheres são, na verdade, forçadas a fazer com que este impacto não exista, ou, pelo menos, a demonstrar na academia que não foram impactadas pela maternidade. Comentários sobre a gravidez e os cuidados com os filhos não são bem-vindos, nem aceitos como “desculpas” para uma baixa produtividade.

3.4 Maternidade acadêmica no contexto pandêmico

Lambrechts *et al.* (2020) discorreram sobre as experiências e percepções de mulheres acadêmicas nos primeiros estágios da pandemia de Covid-19 para entender a aparente queda de produtividade neste período. Participaram desse estudo 101 mulheres de países da América do Norte, Austrália, Europa, África e Ásia, em diferentes estágios da carreira acadêmica. Os resultados dessa investigação indicaram que houve uma significativa redução na produtividade dessas mulheres devido à perda de suporte ocasionado pela pandemia. Durante a quarentena, as crianças tiveram que permanecer em casa e como as mães acadêmicas também passaram a trabalhar remotamente, o papel de cuidador integral dos filhos passou a ser uma de suas atribuições principais (LAMBRECHTS *et al.*, 2020).

Nesse sentido, Miller (2020) relatou sua narrativa pessoal sobre sua experiência como mãe e acadêmica no período pré-pandêmico e pandêmico com a proposta de explorar os

² Howe e Strauss (2009) situam a Geração *Millennial* como aqueles nascidos entre 1982 e os primeiros anos do novo milênio (2000). São os primeiros a crescer com acesso à internet e suas tecnologias, caracterizados por forte valorização da vida pessoal em detrimento do mercado de trabalho, com grande apego à família.

impactos da pandemia na dinâmica profissional e doméstica e de refletir a necessidade de políticas de apoio. A autora argumenta que, como resultado do isolamento pandêmico, as responsabilidades de cuidado com a casa e com os filhos tomaram o tempo antes dedicado à carreira, impossibilitando o atendimento às expectativas e cobranças das instituições universitárias. A necessidade de políticas sociais, como a flexibilização de um plano de carreira e de licença familiar remunerada em reconhecimento à importância do cuidado familiar dos pais com os filhos também foi mencionada. Neste aspecto, uma das participantes do estudo de Lambrechts *et al.* (2020) afirmou que o aumento das responsabilidades de cuidado e o estresse mental ocasionado pela pandemia contribuíram para a diminuição de sua produção escrita.

Durante o momento pandêmico, as mães acadêmicas foram muito afetadas pelo fechamento das creches e pela ausência de recursos institucionais, como acesso aos laboratórios, dados e *softwares*. Além disso, muitas relataram sentimentos como desconforto, tristeza e ansiedade pela falta de suporte emocional, contato com amigos, familiares e colegas de trabalho (LAMBRECHTS *et al.*, 2020). Entretanto, o mesmo estudo mostrou que as alternativas tecnológicas como reuniões *on-line* forneceram às acadêmicas uma via de apoio emocional que as auxiliou durante o isolamento.

A maioria das acadêmicas que declarou aumento na produção durante a pandemia de Covid-19 não tinham a responsabilidade de cuidado com filhos e afirmaram que a flexibilidade de horários e a ausência de deslocamento foram aspectos positivos (LAMBRECHTS *et al.*, 2020). Além disso, muitas entrevistadas indicaram o aumento de produtividade de seus colegas de trabalho do gênero masculino como sendo provenientes do tempo extra que eles tiveram, pois suas esposas tenderam a ficar responsáveis pelos cuidados de seus filhos (LAMBRECHTS *et al.*, 2020).

Os resultados da temática maternidade acadêmica no contexto pandêmico chamam atenção para a amplitude que o tema do cuidado com os filhos tomou. Se antes da pandemia a questão da maternidade no meio acadêmico era forçosamente silenciada, durante a pandemia não foi mais possível ignorar o sofrimento a que são submetidas as pesquisadoras que se tornam mães. Os artigos analisados revelaram que a falta da rede de apoio durante a pandemia fez com que a maternidade, com todas as suas demandas, se impusesse sobre a carreira e que a baixa produtividade passasse a ser relativamente mais aceita.

3.5 Redes de apoio

Um fator importante a ser considerado quando o assunto é maternidade acadêmica é a rede de apoio das mães pesquisadoras. Um estudo feito com mães acadêmicas em uma campanha do Facebook cujo objetivo foi investigar o equilíbrio e o desequilíbrio entre ser mãe e escrever trabalhos acadêmicos enquanto cuida de uma criança pequena concluiu que esse (des)equilíbrio age como forças opostas entre tristeza e amor (COHENMILLER, 2016).

A condição de possuir uma consistente rede de apoio também foi pauta do estudo de Thun (2019), principalmente, no que diz respeito a mães solteiras que devem considerar uma carga de trabalho que não ultrapasse os horários da creche, por exemplo. Para estas mães, o apoio adicional dos avós no cuidado infantil também é de extrema importância, ainda que não diminua suas responsabilidades no manejo de circunstâncias adversas como doenças (THUN, 2019). Outra rede de apoio encontrada por mães pesquisadoras são as creches dentro do *campus* da Universidade de Oslo, na Noruega, e as creches geograficamente mais próximas de onde vivem (THUN, 2019). Resultados desse mesmo estudo indicaram que horários de trabalho mais flexíveis auxiliam as mães acadêmicas a conciliar suas cargas horárias de trabalho com o momento de buscar as crianças na creche.

Os resultados da investigação de Ollilainen (2019) mostraram que, na Finlândia, há um financiamento público para as doutorandas como um incentivo à gravidez e à permanência nos programas de pós-graduação após a licença maternidade. Contudo, mesmo diante desse benefício, algumas pós-graduandas optam por diminuir suas licenças-maternidade por medo de sofrer punições profissionais (OLLILAINEN, 2019).

4 Considerações finais

A análise e a leitura dos artigos permitiram concluir que o tema da maternidade acadêmica está chamando a atenção de diversos pesquisadores, ainda que careça de estudos, principalmente no cenário nacional. No contexto internacional, nos casos em que políticas públicas para as pesquisadoras mães já foram implementadas, percebe-se que estas não são suficientes para amparar as mulheres que, por exemplo, trabalham durante a licença maternidade por medo de perder o emprego se não o fizerem. No passado, a maternidade não foi uma possibilidade para muitas mulheres pioneiras que se aventuraram no campo acadêmico. Hoje, esta possibilidade existe, mas ainda não é bem-vinda e, principalmente, não é considerada nos relatórios de produtividade dos programas de pós-graduação. Quando optam por este

caminho, as pesquisadoras temem por sua carreira, de maneira que planejam sua maternidade para que possa ser moldada pelas imposições do ambiente competitivo da academia. Quando este planejamento não acontece, o cenário é bastante desolador. Em meio à euforia de trazer ao mundo uma nova vida, é triste constatar que essas cientistas precisam lidar com sentimentos como medo, abandono, sofrimento, culpa e arrependimento por falta de garantias institucionais.

O retumbante silenciamento a respeito das dificuldades enfrentadas pelas pesquisadoras que se tornam mães no ambiente acadêmico constatado neste estudo foi rompido recentemente em função da pandemia causada pela Covid-19. O isolamento social parece ter trazido à tona o óbvio: é impossível manter uma rotina de estudos, pesquisas e produção científica com uma criança por perto. A não ser que haja uma rede de apoio institucionalizada e políticas públicas específicas, muitas mulheres seguirão abandonando ou negligenciando suas carreiras científicas por despreparo da academia em amparar cientistas que se tornam mães ou se sentindo inferiores aos seus colegas. Nesse sentido, políticas que considerem a integração entre trabalho e família precisam ser pensadas e postas em prática.

Celebrar o aumento da presença das mulheres no ambiente acadêmico, na pós-graduação, na produção de conhecimento científico ou a frente de novas tecnologias e inovações é importante, mas insuficiente. Em algum momento essas mulheres podem se tornar mães e é um direito de seus filhos tê-las por perto, pelo menos nos primeiros meses de vida. Quando resultados de estudos sobre a temática mostram que o período de licença-maternidade pode ser desrespeitado por medo da perda de oportunidades ou até mesmo do emprego, é preciso acender um alerta: a gestação e os primeiros meses de vida são cruciais para o desenvolvimento humano e não deveriam ser negligenciados. Enquanto isso, que seja uma escolha da mulher e não uma imposição que suas pesquisas sejam abandonadas, que seus relatórios sejam afetados, que seus cargos sejam realocados. E quem sabe, que seja a causa das mães o pontapé inicial para que a lógica da produtividade ceda um espaço, ainda que pequeno, à lógica da empatia no ambiente acadêmico.

Referências

ABETZ, J. S. “I want to be both, but is that possible?”: communicating mother-scholar uncertainty during doctoral candidacy. **Journal of Women and Gender in Higher Education**, EUA, v. 12, n. 1, p. 70-87, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19407882.2018.1501582>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. CNPq anuncia inclusão do campo licença-maternidade no Currículo Lattes. **CNPq em ação**, 7 abr., 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/cnpq-anuncia-inclusao-do-campo-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes>. Acesso em: 24 abr. 2021.

CARPES, P. B. M. *et al.* Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [on-line]. 2022, v. 31, n. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013>. Acesso em: 16 nov. 2022.

COHENMILLER, A. S. Artful research approaches in #amwritingwithbaby: qualitative analysis of academic mothers on facebook. **LEARNing Landscapes**, EUA, v. 9, n. 2, p. 181-196, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.36510/learnland.v9i2.770>. Acesso em: 10 nov. 2022.

COONEY, T. M.; UHLENBERG, P. Family-building patterns of professional women: a comparison of lawyers, physicians, and postsecondary teachers. **Journal of Marriage and the Family**, [s.l.], v. 51, p. 749-758, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/352173>. Acesso em: 19 set. 2022.

DELLAZZANA-ZANON, L. L. *et al.* Psychological effects of social distance caused by COVID-19 (coronavirus) pandemic over the life cycle. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 25, n. 2, p. 188-198, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20200019>. Acesso em: 25 set. 2022.

DERYUGINA, T.; SHURCHKOV, O.; STEARNS, J. E. Covid-19 disruptions disproportionality affect female academics. **NBER Working Paper Series**, Cambridge, n. 28360, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/pandp.20211017>. Acesso em: 22 set. 2022.

FERRARI, R. Writing narrative style literature reviews. **Medical Writing**, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 230-235, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1179/2047480615Z.000000000329>. Acesso em: 15 set 2022.

HOWE, N., STRAUSS, W. **Millennials rising**: the next great generation. Nova Iorque: Vintage Books, 2009.

LAMBRECHTS, A. A. *et al.* Why research productivity among women in academia suffered during the early stages of Covid-19 crisis: A Qualitative Analysis. **EdArXiv**, UK, p. 1-41, 2020. Disponível em: <https://www.femtech.at/content/why-research-productivity-among-women-academia-suffered-during-early-stages-Covid-19-crisis>. Acesso em: 13 set. 2022.

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 917-928, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2014.4-18>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MACHADO, L. S. *et al.* Parent in science: The impact of parenthood on the scientific career in Brazil. *In: International Workshop on Gender Equality in Software Engineering, 2., 2019, EUA. Anais [...].* EUA: IEE, 2019. p. 37-40.

Disponível em: <https://doi.org/10.1109/GE.2019.00017>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MARTINS, T. G. A.; MARINHO, J. Z. S. A disparidade de gênero no campo científico a partir do impacto da maternidade na carreira das mulheres. **Humana Res**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 157-174, 2020. Disponível em:

<https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/46>. Acesso em: 10 out. 2022.

MATTSSON, T. Intersectionality as a useful tool: anti-oppressive social work and critical reflection. **Affilia: Journal of Women and Social Work**, Hampshire, v. 29, n. 1, p. 8-17, 2014.

Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0886109913510659>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MCCUTCHEON, J. M.; MORRISON, M. A. “Eight Days a Week”: A National Snapshot of Academic Mothers’ Realities in Canadian Psychology Departments. **Canadian Psychological Association**, Canadá, v. 57, n. 2, p. 92-100, 2016. Disponível em:

<https://doi.org/10.1037/cap0000049>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MILLER, K. E. The ethics of care and academic motherhood amid Covid-19. **Gender, Work and Organization**, EUA, v. 28, n. 1, p. 260-265, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gwao.12547>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MIRICK, R. G.; WLADKOWSKI, S. P. Pregnancy, Motherhood, and Academic Career Goals: Doctoral Students’ Perspectives. **Affilia: Journal of Women and Social Work**, EUA, v. 33, n. 2, p. 253-269, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.1177/0886109917753835>. Acesso em: 16 nov. 2022.

OLLILAINEN, M. Academic mothers as ideal workers in the USA and Finland. **Equality, Diversity and Inclusion**, EUA, v. 38, n. 4, p. 417-429, 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.1108/EDI-02-2018-0027>. Acesso em: 16 nov. 2022.

RADDON, A. Mothers in the academy: positioned and positioning within discourses of the 'successful academic' and the 'good mother'. **Studies in Higher Education**, UK, v. 27, n. 4, p. 387-403, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0307507022000011516>. Acesso em: 16 nov. 2022.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. [s.l.], 20, n. 2, p. 5-6, 2007. Disponível em: [10.1590/S0103-21002007000200001](https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001). Acesso em: 16 nov. 2022.

SORCINELLI, M. D.; NEAR, J. P. Relations between work and life away from work among university faculty. **Journal of Higher Education**, Ohio, v. 60, n. 1, p. 59-82, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1982111>. Acesso em: 16 nov. 2022.

STANISCUASKI, F. *et al.* Impact of Covid-19 on academic mothers. **Science**, Washington, v. 368, n. 6492, p. 724, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.abc2740>. Acesso em: 16 nov. 2022.

THUN, C. Excellent and gender equal? Academic motherhood and ‘gender blindness’ in Norwegian academia. **Gender, Work and Organization**, Noruega, v. 27, n. 2, p. 166-180, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gwao.12368>. Acesso em: 16 nov. 2022.

VARNER, A. The consequences of delaying attempted childbirth for women faculty. **Retrieved Fall**, [s. l.], 2000.

WARD, K.; WOLF-WENDEL, L. Academic motherhood: managing complex roles in research universities. **The Review of Higher Education**, EUA, v. 27, p. 233-257, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/rhe.2003.0079>. Acesso em: 16 nov. 2022.

WARD, K.; WOLF-WENDEL, L. Academic motherhood: mid-career perspectives and the ideal worker norm. **New Directions for Higher Education**, EUA, v. 176, p. 11-23, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/he.20206>. Acesso em: 16 nov. 2022.

WARD, K.; WOLF-WENDEL, L. Mothering and professing: critical choices and the academic career. **NASPA Journal About Women in Higher Education**, EUA, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19407882.2017.1351995>. Acesso em: 16 nov. 2022.

WOLF-WENDEL, L.; WARD, K.; TWOMBLY, S. B. Faculty life at community colleges: the perspective of women with children. **SAGE Journals**, North Carolina, v. 34, n. 4, p. 255-281, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0091552107300282>. Acesso em: 16 nov. 2022.